



## PROCEDIMENTOS DE COLETA E MANUFATURA NA PINTURA CONTEMPORÂNEA: ENTREVISTA COM SILVIA CARVALHO

Miguel Vassali<sup>1</sup>

Tharciana Goulart da Silva<sup>2</sup>

COLLECTION AND MANUFACTURING PROCEDURES IN CONTEMPORARY PAINTING: INTERVIEW WITH SILVIA CARVALHO

PROCEDIMIENTOS DE COLECCIÓN Y FABRICACIÓN EN LA PINTURA CONTEMPORÁNEA: ENTREVISTA CON SILVIA CARVALHO

---

1 Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1573499434997969>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9113-2580>. E-mail: Miguel Vassali [miguelvass@gmail.com](mailto:miguelvass@gmail.com).

2 Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262703963941419>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2393-5303>. E-mail: tharcianagoulart@gmail.com

## RESUMO

A artista Silvia Carvalho (Florianópolis-SC) realiza coletas e manufatura de pigmentos terrosos criando rituais de transformação. Seu trabalho em pintura demonstra a relevância da investigação, pois explora procedimentos que antecedem a pintura em si. Nesta entrevista, Silvia Carvalho nos convida a um passeio pelo seu ateliê e seus processos criativos, especialmente da coleta, manufatura e usos de pigmentos terrosos, evidenciando a relação entre arte e vida.

Palavras-chave: Pintura contemporânea; Procedimentos; Pigmentos terrosos; Processo criativo.

## ABSTRACT

Artist Silvia Carvalho (Florianópolis-SC) collects and manufactures earth pigments, creating transformative rituals. Her work in painting demonstrates the relevance of the investigation, as it explores procedures that precede the painting itself. In this interview, Silvia Carvalho invites us to take a tour in her studio and her creative processes, especially the collect, manufacture and uses of earthy pigments, highlighting the relationship between art and life.

Keywords: Contemporary painting; Procedures; Earthy pigments; Creative process.

## RESUMEN

La artista Silvia Carvalho (Florianópolis-SC) recolecta y fabrica pigmentos terrosos, creando rituales de transformación. Su trabajo en pintura demuestra la relevancia de la investigación, ya que explora procedimientos que preceden a la pintura misma. En esta entrevista, Silvia Carvalho nos invita a hacer un recorrido por su estudio y sus procesos creativos, especialmente la recolección, fabricación y usos de pigmentos terrosos, destacando la relación entre el arte y la vida.

Palabras clave: Pintura contemporánea; Procedimientos; pigmentos terrosos; Proceso creativo.

No contexto da pintura, não interessa somente um resultado, um objetivo a ser atingido, mas o caminho para se chegar a determinado fim como parte desse processo. Neste cenário, são muitas vivências e experimentações até a criação de uma visualidade. É nesta dinâmica que se entende alguns aspectos da estética do movimento criador, compreendendo o processo como uma continuidade.

Silvia Carvalho<sup>3</sup>, paulista que reside em Florianópolis-SC, é uma artista que reflete sobre essas possibilidades do processo criativo e artístico no que tange ao campo da pintura. Trabalhando a manufatura em rituais de transformação da terra em tinta, suas obras iniciam-se antes das primeiras pinceladas. Na entrevista, a artista expõe diversos aspectos de seu processo criativo, especialmente relacionado com a coleta, manufatura e o uso de pigmentos naturais.

**M.V. e T.G.S.: Durante sua formação, quais momentos foram relevantes para sua pintura?**

**S.C.:** Meu trabalho sempre teve um flerte do desenho com a pintura e da abstração com a figuração. Com o desenho, eu aprendi a ver as coisas, porque na verdade você aprende a ver e aí você entende o que é o desenho. Eu aprendi em um curso que eu fiz, o professor desenvolvia métodos fantásticos que elucidaram sobre o que é, de fato, desenhar: saber olhar. A pintura tenho aprendido fazendo. É uma labuta para mim. Eu nunca fiz um curso de pintura, fiz um mês de aulas com Rubens Oestroem<sup>4</sup> quando vim morar em Florianópolis (SC), vim nos anos 90 e fiz o curso com ele em 92. Foi através dele que descobri que a partir de pigmento, cola e água é possível fazer uma tinta. Ele foi meu grande mentor em

3 Mestra em Artes Visuais (UDESC) e graduada em Artes Plásticas Bacharelado (UDESC). Participou de exposições coletivas em São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e em Florianópolis no MASC, BADESC, MHCS e MHSJ.

4 Rubens Oestroem é um artista brasileiro natural de Blumenau, Santa Catarina. Pintor, professor, escultor e gravador, residiu por alguns anos na Alemanha onde formou-se como mestre em pintura e litografia na Escola Superior de Artes de Berlim.

relação a isso. Mas em termos de técnica, não foi na universidade que aprendi; mesmo porque o pigmento é algo que me desafia diariamente. Eu usei muitos anos tinta acrílica, mas ela não traz grandes novidades. O pigmento não, ele está sempre te desafiando e isto eu gosto. Se não tiver mais desafio no trabalho eu acho que perco o interesse, o encantamento.

**M.V. e T.G.S.: O que despertou em você o interesse pelo pigmento natural?**

**S.C.:** Comecei a usar materiais de tudo quanto é tipo quando me mudei para o Campeche [bairro de Florianópolis-SC], bem do ladinho da praia. Quando eu caminhava na praia, realizava coletas de materiais orgânicos. Comecei a incorporar esses materiais na minha pintura que ainda era com tinta acrílica. Usei também areia, vários elementos da natureza. Como eu morava em uma casa e tinha jardim, eu acabei usando o barro, o mais comum. Usando eu pensei: “Isso funciona! Não muda de cor!”. Então vi esse resultado e comecei a fazer essa mistura de tinta acrílica, terra, experimentações desse tipo. Nesse ritmo eu comecei a procurar mais uma cor ou outra.

**M.V. e T.G.S.: Atualmente, como acontece essa coleta e a manufatura?**

**S.C.:** Eu coleto em morros descascados, arrancados, aqueles morros abertos onde sempre tem muitas cores. Algumas parecem uma pedra, são minerais, na verdade, então é um processo diferente da terra, faço um processo de raspagem, dá muito trabalho. Na Serra Catarinense existem cores incríveis. Se você estiver com um olhar apurado você começa a ver em muitos lugares. Eu já viajo olhando morros. Quando eu vejo algo eu paro, faço a coleta, às vezes filmo e fotografo. Sempre tenho meus *kits* no carro para poder fazer as coletas. Também têm as terras que ganho. As

pessoas viajam e trazem.

**M.V. e T.G.S.: O processo de manufaturar as tintas influencia em sua paleta de cores?**

**S.C.:** Minha paleta de cores acontece na pintura. Com acrílica até acontecia na paleta, mas agora dificilmente eu faço uma mistura entre uma cor e outra, não sinto tanto essa necessidade. Com pigmento natural prefiro usar a cor pura. Tem vezes que até acontece de eu colocar três ou quatro cores na paleta e trabalhar com elas, mas normalmente eu trabalho com uma cor de cada vez. Porque o pigmento tem um tempo de secagem e um tempo para a cor aparecer. Às vezes, na hora que você pinta, o pigmento fica com uma cor muito sem graça. Ele só se revela depois que ele seca, então minha paleta se revela no trabalho.

As cores que eu mais uso são os tons pastéis, eu prefiro. Quando pensamos em terra pensamos nas cores tradicionais delas, que são as cores que chamamos de terrosas, mas essas são as cores que menos uso. Eu uso mais como base. Mas todos os trabalhos são muito claros, eles têm luminosidade. Eu uso, por exemplo, muito amarelo claro, branco, cinza claro. Então é uma paleta que eu escolho, sim, mas ela não acontece na paleta, ela se desenvolve no trabalho.

**M.V. e T.G.S.: E as imagens do seu trabalho, de onde elas vêm?**

**S.C.:** Elas vêm de várias fontes. Eu tenho um banco de imagens, são desenhos que fiz durante a Graduação. Tenho muitos desenhos daquela época, guardei aqueles que acredito terem uma potência. Tem fotos que eu faço, eu também recolho na *internet*. Tenho uma prática que é tirar foto de televisão, de filmes, de documentário. Mas as imagens que uso sofrem muitas modificações, então elas são somente uma primeira ideia. Parto das imagens selecionadas, mas é o trabalho que direciona.

No trabalho figurativo tenho essa vontade, de ter uma imagem mais concreta que eu possa pegar e olhar. Já trabalhei muitos anos sem imagem de referência, mas é um sofrimento, você fica às vezes dias em um desenho, mas meu objetivo não é o desenho, é a pintura. Então comecei a trabalhar com a imagem para facilitar esse processo, para chegar mais rápido na pintura.

**M.V. e T.G.S.: Nestas imagens selecionadas, a figura feminina parece ser uma presença constante. Qual a relação destas figuras com as obras?**

**S.C.:** A figura feminina tem vindo com muita força, ela tem uma delicadeza, algo que me agrada no trabalho atual. Outra razão para a incidência da figura feminina é porque às vezes eu utilizo minha imagem no trabalho. Muitas vezes eu quero fazer alguma coisa e não acho essa referência, então eu mesma tenho que posar. Não é um autorretrato, não é autorreferência, é a construção de uma cena em que eu preciso estar nela porque não tenho modelo por um motivo ou outro naquele momento, então eu mesma faço estes cenários.

**M.V. e T.G.S.: Sobre a série “Ritos”, qual foi o start do trabalho? E como ele se desenvolveu posteriormente?**

**S.C.:** O *start* foi um trabalho que eu fiz em uma oficina de serigrafia. Peguei uma imagem de uma revista, era de uma mulher, cortei a imagem e retirei o rosto. Depois, compus com mais alguns elementos, os quais já fazem parte do meu trabalho normalmente. Com esses elementos fiz uma composição e realizei uma serigrafia. Na serigrafia enxerguei uma outra coisa, percebi que aquela mulher estava com um ninho com ovos, aquilo foi detonador para o primeiro trabalho da série “Ritos”, um quadro no qual uma mulher segura um ovo próximo à orelha e outro ovo



**FIGURA 1.**

Silvia Carvalho, Irmãs, 2019. Série "Ritos". Pintura, díptico de 1x1 metros por tela. Acervo da artista, Florianópolis.



na mão. A partir dele fui desdobrando as outras pinturas. O título veio depois, quando olhei todos os trabalhos juntos achei que aquilo era uma ritualística. As pinturas tiveram um fio condutor que foi a cor da terra. Eu peguei uma cor que eu nunca havia usado, tinha acabado de ganhar aquela terra. A cor era muito bonita, mas difícil de usar, pensei em me desafiar e então o fio condutor de toda a série foi aquela cor.

**M.V. e T.G.S.: As cores com as quais você trabalha carregam certa memória que reporta ao local de onde vieram ou a alguém que te presenteou?**

**S.C.:** Todas as minhas cores têm nome e sobrenome. Algumas nomeio com a cor que eu acho que elas têm e o sobrenome geralmente é do local de onde eu peguei. Mas tem outras que dou o sobrenome da pessoa que me presenteou. Tenho um amarelo que chamo de “Amarelo Turrão”, porque é um amarelo de presença, um amarelo duro. “Branco Jacu” que é da região de Jacupiranga. Os pigmentos são etiquetados e faço um catálogo das cores.

**M.V. e T.G.S.: Até aqui percebemos que no processo da pintura com pigmentos naturais, o tempo é muito importante, tanto para manufatura quanto para a secagem da tinta e “revelação” das cores. Sobre o tempo e espaço do teu trabalho, como acontece sua rotina de ateliê?**

**S.C.:** Eu costumo ir para o ateliê todas as tardes. Meu ateliê é junto à minha casa, então geralmente pela manhã faço as tarefas de casa, almoço em casa todos os dias, faço minha comida e mantenho uma rotina de jardim também. Tudo isso faz parte do ateliê. Meu trabalho tem muito a ver com minha vida, ele é a minha vida. Toda essa rotina faz parte do meu trabalho: eu faço uma tinta e vou fazer outra tarefa enquanto ela seca, depois volto e colho algo no jardim ou faço uma comida. Isso tudo



**FIGURA 4 E 5.**

Ateliê da artista Silvia Carvalho, no bairro Campeche em Florianópolis-SC.  
Fonte: acervo dos autores. 2019.

é integrado, porque meu trabalho é uma cozinha, ele é braçal, e eu gosto dessas coisas.

**M.V. e T.G.S.:** Silvia, agradecemos imensamente por nos receber em seu ateliê e pela generosidade em dividir conosco alguns aspectos do seu trabalho, sua rotina e suas relações com a arte.

**S.C.:** Muito obrigada!

Artigo submetido em: 30/05/2022

Aceito em: 17/12/2022